

## A ÚLTIMA

## JOSÉ EDUARDO AGUALUSA



segundocaderno@oglobo.com.br



## A incredulidade dos crentes

Assisti a “Dois papas”, de Fernando Meirelles, na mesma semana em que terminei de ver a série “Messiah”, dirigida pelo australiano Michael Petroni. São projetos muito diferentes, nas premissas e nos resultados, mas que discutem questões comuns.

“Dois papas” coloca frente a frente o Papa Bento XVI, Joseph Ratzinger, em vias de renunciar, e o cardeal Jorge Bergoglio, prestes

a se transformar no Papa Francisco. Pouco a pouco, vamos compreendendo que, naquele luminoso embate de ideias, ambos os protagonistas estão certos, apenas defendem objetivos diversos: Ratzinger está preocupado com a sobrevivência e o fortalecimento de uma instituição, a Igreja Católica, enquanto o que interessa a Bergoglio é a defesa dos ideais de Jesus Cristo. Ratzinger vê em Bergoglio uma ameaça à instituição — e está certo. Bergoglio acha que Ratzinger está atraído aos ensinamentos de Jesus Cristo — e também ele está certo.

Na série “Messiah”, Petroni imagina o aparecimento, durante a guerra na Síria, de um líder religioso, de origem palestina, cujo nome e passado ninguém conhece. A série perde frequentemente o rumo. Vários momentos, porém, justificam o interesse. Um deles é o interrogatório a que o suposto Messias é sujeito, depois de entrar “ilegalmente” em Israel. Surpreendido, ao verificar que o seu prisioneiro fala hebraico, o interrogador pergunta-lhe se é judeu. “Na origem, sim”, responde o homem, que tanto

pode ser um impostor genial (vários elementos apontam nessa direção), como o verdadeiro Messias.

O que “Messiah” sugere é que se Jesus voltasse teria de enfrentar sobretudo a incredulidade dos crentes (cristãos, muçulmanos e judeus), muitíssimo mais perigosa e difícil de vencer do que impiedade dos ímpios.

Em particular, Jesus seria muito mal recebido pelas instituições religiosas que se ergueram, fortaleceram e prosperaram comerciando fé. Fundamentalistas islâmicos, cristãos e judeus veriam nele o seu principal inimigo. Estes movimentos são, aliás, absolutamente

idênticos. Convergem no horror a tudo o que seja novo. Atraem os mais desesperados, prometendo-lhes milagres, e depois exploram-nos e escravizam-nos. Valorizam, nos livros sagrados, não as propostas transforma-

doras dos diferentes profetas (propostas que eram revolucionárias então, e continuam revolucionárias hoje), mas o pensamento cruel da época em que foram escritos.

Jesus Cristo teria ainda de enfrentar a desconfiança e a hostilidade dos governantes. Na série dirigida por Michael Petroni, o Messias é investigado pela CIA, interrogado pela Mossad e perseguido pelo Estado Islâmico.

Na sociedade do espetáculo em que vivemos, não bastaria a Jesus multiplicar os pães, ou transformar a água em vinho, truques ingênuos, ao alcance de qualquer ilusionista. Não lhe bastaria sequer caminhar sobre as águas. Precisaria recorrer a milagres mais exuberantes, a discursos mais fortes, a medidas mais extremas.

Em “Dois papas”, Ratzinger termina rendendo-se a Bergoglio: “Não concordo com nada do que o senhor diz. Mas através da sua voz voltei a ouvir a voz de Deus”, diz ele. Duvido que esta frase tenha sido dita. Porém, é tão bonita. Gosto de pensar que foi isso que aconteceu.



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

África e Europa. Higor Campagnaro interpreta um cineasta que vai atrás das terras dos antepassados: longa estreia em maio em Portugal e no segundo semestre no Brasil

# Cineasta em crise e Brasil ‘escamoteado’ inspiram filme de Felipe Bragança

Coprodução com Portugal, ‘Um animal amarelo’ se destacou em Roterdã com trauma da herança escravocrata que borra a ficção

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA  
Especial para O GLOBO, de Roterdã  
segundocaderno@oglobo.com.br

Quando começou a desenvolver o roteiro de “Um animal amarelo”, em 2013, Felipe Bragança partiu de uma inspiração autobiográfica, sem imaginar que o tema ganharia uma dimensão cada vez menos pessoal com o passar do tempo. O filme conta a história de um cineasta brasileiro que, atormentado pelo passado escravocrata da família, se lança em viagem de autocohecimento a Moçambique e a Portugal. Originalmente concebido como uma “melancólica fábula tropical”, o filme teve sua estreia no fim de semana na seção competitiva Big Screen do 49º Festival de Roterdã.

— A premissa era usar a busca do personagem por uma identidade para abordar um Brasil meio escamoteado, do passado escravocrata das famílias brasi-

leiras, sobre o qual se falava muito pouco — aponta Bragança, de 39 anos. — Mas, de repente, a gente dá de cara com o presidente Bolsonaro declarando publicamente que ele não precisa se preocupar com temas relacionados à escravidão, porque nunca teve um escravo. O que o país passou nos últimos seis anos fez com que algumas questões ligadas à história pessoal do protagonista se tornassem mais coletivas, universais, e foram absorvidas pelo roteiro.

O que alimentaria uma “nota de pé de página” no argumento inicial, como diz o realizador, acabou ganhando papel significativo na trama. “Um animal amarelo” é centrado na figura de Fernando (Higor Campagnaro), cineasta que não encontra condições artísticas e financeiras para continuar fazendo filmes. Obcecado pela memória do avô (Herson Capri), de

passado violento, e perseguido pelo espírito de um moçambicano que, desde criança, lhe acenava com um futuro de privilégios e grandes conquistas, ele investe numa ingloriosa incursão pelas terras de seus antepassados, na África e na Europa.

## AVENTURA NO GARIMPO

Aonde quer que vá, Fernando é confrontado com sua herança colonial. Em Moçambique, tenta se aventurar pelo garimpo de pedras preciosas, mas é dissuadido por locais capazes de produzir gemas com seus próprios corpos, de modo “orgânico”.

— Os moçambicanos percebem que uma vida de opulência desconectada de suas origens resulta na per-

## ‘Macunaíma’

Bragança prepara nova adaptação do clássico

da de suas habilidades mágicas. De certa forma, isso espelha a jornada de Fernando, no que diz respeito a ancestralidade — explica Bragança — Alguns locais dizem que branco nunca vai encontrar pedras preciosas de verdade lá, só moçambicano. Em uma das vilas, visitei um líder tribal que afirma que eles sabem reconhecer uma pedra valiosa, sem gastar fortunas e destruir montanhas, como as empresas estrangeiras fazem. Dentro da provocação meio tropicalista que o filme propõe imaginei: e se as pedras preciosas saíssem de dentro deles, mesmo?

“Um animal amarelo” é resultado da combinação de esforços da produtora brasileira Duetas Mariolas, de Bragança, e a portuguesa Som e a Fúria, e estreará em Portugal em maio. O lançamento brasileiro está previsto para o segundo semestre. Bragança diz que, diante do impasse em que vive o cinema brasileiro, acuado por suspensão e cortes de linhas de fomento do governo e pelas indefinições da Ancine, a Agência Nacional do Cinema, a coprodução passou a ser fundamental para a viabilização de projetos de perfil mais autoral.

— O curioso é que a gente viveu um longo ciclo em que buscávamos

a coprodução não por causa do dinheiro, mas pelas articulações que ela permitia, como visibilidade em festivais e venda em outros países. “Um animal amarelo” foi feito com pouco dinheiro português, porque o mais importante era ter um produtor português, determinante na estratégia de difusão fora do Brasil. Mas talvez meu próximo filme tenha que ser uma produção europeia, e a minha companhia como coprodutora minoritária — observa Bragança.

Atualmente, o diretor trabalha numa nova versão de “Macunaíma”, a partir do livro de Mário de Andrade. Lançado em 1928, o clássico modernista sobre o caráter antropofágico da cultura brasileira já foi adaptado para o cinema por Joaquim Pedro de Andrade, em 1969. Mas Bragança acredita que é chegado o momento de fazer uma revisão sobre as origens e especificidades da identidade brasileira. O cineasta aguarda recursos da Ancine para iniciar o processo de pesquisa por diferentes estados do país. Ao lado dele no projeto, estão o antropólogo Hermano Vianna e a atriz indígena Zahy Guajajara (da minissérie “Dois irmãos”).

— Estou obcecado pelas ideias modernistas dos anos 20 do século passado. O que a gente quer dizer, a partir da crise de identidade que começou lá atrás, em 2012, 2013, quando fala em cultura brasileira pujante? — questiona o diretor.

